

A admoestação aos ricos : leitura pragmática de Tg 4,13 – 5,6

Por: Pe. Dr. Michel Sakr¹

Introdução metodológica

Estudar un texto bíblico na perspectiva pragmalinguística² necessita uma análise em três etapas. No início, deve-se determinar o caminho do leitor do texto ou a construção narrativa do leitor do texto; em outras palavras, trata-se do contexto narrativo da situação. Depois, é preciso dividir o texto segundo os elementos de coesão e de coerência, metendo em evidência as seqüências textuais nas quais é articulada a comunicação, mediante os sinais gramaticais, sintáticas e retóricas. E em fim, como terceiro ponto, será esclarecida a estratégia comunicativa no tecido semântico, examinando o significado dos termos e dos argumentos segundo a sua raiz antigo-testamentária, judia ou hellénica, na perspectiva dos efeitos que eles produzem no leitor. Esta análise científica necessitará uma conclusão teológica sobre o tema abordado: riqueza e pobreza na carta de Tiago.

A importância metodológica da prospectiva pragmática reside no fato que se apoia na noção dos “atos linguísticos”³ permitindo conceber a exegese como um procedimento de compreensão passando pela ação da leitura.

A importância teológica do tema da admoestação aos ricos⁴ na comunidade dos doze tribos da Diáspora (Tg 1,1) reside na atualização original deste tema na teologia da libertação e no continente da America Latina. A prova disto é o que o Papa Bento XVI disse recentemente na sua viagem para o Brasil: “Os povos latino-americanos e caribenhos têm direito a uma vida plena, com condições mais humanas: livres das ameaças da fome e de toda forma de violência, [...] suprimindo as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens”⁵.

1. Construção do leitor

O texto de Tg 4,13 – 5,6 encontra-se quase *no fim* da carta, então o leitor deste texto não é surpreso por esta temática da riqueza. A palavra «πλούσιος» volta pela 5ª e

¹ Este artigo tem sido uma conferência no Congresso Bíblico Internacional da Associação *Evangelium und Kultur* feito no Belo Horizonte entre 22 e 29 de julho de 2007. O autor é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, escreveu vários livros e artigos sobre a “leitura pragmática da Bíblia” e ensina o Novo Testamento na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em São Paulo.

² Faço referimento a todos os estudos feitos neste campo especialmente aqueles que são citados em C. MORA PAZ – M. GRILLI – R. DILLMANN, *Lectura pragmalinguística de la Biblia. Teoría y aplicación*, Evangelio y Cultura. Monografías 1, Estella (Navarra) 1999, 9-74, e em M. SAKR, *Le sévère Sauveur, Lecture pragmatique des sept «Oúái» dans Mt 23,13-36*, EH XXIII/808, Bern 2005, 25-29.

³ Noção elaborada pelo filósofo inglês da linguagem J.L. Austin (1911-1960). Cf. J.L. AUSTIN, *How to do things with words*, Oxford 1962, London 1976².

⁴ Sobre este tema ver a bibliografia abundante em M. GRILLI – D. LANDGRAVE GÁNDARA – C. LANGNER, eds., *Riqueza y solidaridad en la obra de Lucas*, Evangelio y Cultura. Monografías 3, Estella (Navarra) 2006.

⁵ Discurso do Papa Bento XVI na Sessão inaugural dos trabalhos da Vª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, Aparecida – São Paulo, 13 de maio de 2007, 4º parágrafo, em CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, São Paulo 2007, 275.

última vez na carta. Deste modo, o leitor é construído na narração anterior, nos *dois lugares* diferentes, que são os sinais de nosso texto em seme; estes são os dois lugares:

1.1 Tg 1,10-11

Em Tg 1,10, o leitor sabe que o rico «πλούσιος» deve gloriar-se no seu abatimento «ταπείνωσις» (Lc 1,48), porque como o sol faz secar a erva e cair a boa aparência da flor, do mesmo modo o rico desaparece nos seus negócios (Tg 1,11). Então, o leitor desde o capítulo 1 sabe que tem um farol vermelho no que diz respeito à riqueza perecível. Do mesmo modo, a palavra «πορεία», negócio ou trabalho, em «o rico perecerá nos seus negócios» (Tg 1,11) anuncia as palavras de «fazer do comércio e ganhar» (Tg 4,13) e de «roupas, ouro e prata» (Tg 5,2-3).

1.2 Tg 2,5-6

O segundo sinal de Tg 4,13 – 5,6 está no segundo capítulo da carta onde o autor fala do respeito devido aos pobres porque eles são ricos na fé e herdeiros do Reino (Tg 2,5). O autor lembra que são os ricos que oprimem os pobres e os encaminham para os tribunais (Tg 2,6), e são eles que blasfêmam contra o Nome Santo (Tg 2,7). Por consequência, o leitor entende que não se pode menosprezar o pobre para a condição financeira dele nem respeitar o rico para as suas roupas ou o seu ouro: não deveria ter uma distinção nas aparências na assembléia dos fiéis!

1.3 Quase no fim da carta

O tema dos ricos e dos pobres é central na carta e é ligado a outros temas como a prova da fé pelas obras, o controle da língua ou do falar e a oração vigiante na espera da vinda do Senhor. Estes temas não são destinados a uma comunidade limitada no espaço e no lugar. As diferentes cartas de Paulo têm por exemplo destinatários bem definidos. Os cristãos das doze tribos da diáspora (Tg 1,1) são todos os judeu-cristãos do mundo e de todas as épocas. Por isto, o leitor implícito da carta conhece o Antigo Testamento e é impregnado de uma fé prática anunciada principalmente pelos profetas que recordam a defesa do oprimido e do fraco, a colocação em prática da justiça social e a ajuda dos órfãos e das viúvas⁶. Sem entrar na complicação dos diferentes esquemas⁷ dados a esta carta, nós dizemos que a colocação de nosso parágrafo quase ao fim, logo antes de falar da vinda do Senhor e das recomendações finais, indica ao leitor que se trata de um apogeu para que convergem todos os temas anteriormente tratados.

2. Os elementos de coesão e de coerência

No que segue, o que importa não somente *o que é dito* ou *como é dito* (o estudo sintático), porém especialmente *o que se quer dizer com o que é usado* (a pragmática).

⁶ Cf. Dt 14,29 ; Nm 18,21 ; Mq 6,8 ; Os 4,1 ; Zc 7,9-11. L'importância da tradição profética contra aquela que é sacerdotal ou cultural foi a tese de A. SAND, *Das Gesetz und die Propheten*, BU 11, Ratisbonne 1974.

⁷ Para conhecer os vários esquemas ou estruturas da Carta cf. F.O. FRANCIS, «The Form and Function of the Opening and Closing Paragraphs of James and 1John» ZNW 61 (1970) 110-126; C.B AMPHOUX, «Systèmes anciens de division de l'épître de Jacques et composition littéraire» Bib 62 (1981) 390-400 ; A. GEORGE – P. GRELOT, ed., *Introduction critique au Nouveau testament. 3. Les lettres apostoliques*, trad. ita. : *Introduzione al Nuovo Testamento. 3. Le lettere apostoliche*, Roma 1978, 217-218.

Assim, a estratégia comunicativa no tecido sintático e retórico aparece-se nos elementos seguintes:

¹³ Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὐριον πορευόμεθα εἰς τήνδε τήν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευόμεθα καὶ κερδήσομεν·

¹⁴ οἷτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὐριον ποία ἡ ζωὴ ὑμῶν· ἀτμὶς γάρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ ἀφανιζομένη.

¹⁵ ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς, Ἐὰν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.

¹⁶ νῦν δὲ καυχᾶσθε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· πᾶσα καύχησις τοιαύτη πονηρὰ ἐστίν·
¹⁷ εἰδότες οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ μὴ ποιοῦντι, ἁμαρτία αὐτῶν ἐστίν·

¹ Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὀλολύζοντες ἐπὶ ταῖς ταλαιπωρίαις ὑμῶν ταῖς ἐπερχομέναις.

² ὁ πλοῦτος ὑμῶν σέσηπεν καὶ τὰ ἱμάτια ὑμῶν σητόβρωτα γέγονεν,
³ ὁ χρυσὸς ὑμῶν καὶ ὁ ἄργυρος κατιώται καὶ ὁ ἰὸς αὐτῶν εἰς μαρτύριον ὑμῖν ἔσται καὶ φάγεται τὰς σάρκας ὑμῶν ὡς πῦρ. Ἐθσαυρίσατε ἐν ἑσχάταις ἡμέραις.

⁴ ἰδοὺ ὁ μισθὸς τῶν ἐργατῶν τῶν ἀμησάντων τὰς χώρας ὑμῶν ὁ ἀπεστερημένος ἀφ' ὑμῶν κρᾶζει, καὶ αἱ βοαὶ τῶν θερισάντων εἰς τὰ ὦτα κυρίου Σαβαώθ εἰσεληλύθασιν.

⁵ Ἐτρυφήσατε ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐσπαταλήσατε, ἐθρέψατε τὰς καρδίας ὑμῶν ἐν ἡμέρᾳ σφαγῆς,
⁶ κατεδικάσατε, ἐφονεύσατε τὸν δίκαιον, οὐκ ἀντιτάσσεται ὑμῖν.

2.1 Os únicos empregos do Novo Testamento de « Ἄγε νῦν »

Em todo o Novo Testamento, a expressão composta do imperativo presente de « ἄγω » com o advérbio temporal « νῦν » encontra-se somente em Tg 4,13 e 5,1. Isto indica para o leitor o começo de duas unidades literárias sucessivas e originais. Aliás, o termo « νῦν », agora, encontra-se três vezes na carta de Tg aqui em nosso parágrafo 4,13.16 e 5,1. Provavelmente, trata-se de dificuldades ou rupturas que ameaçam a comunidade, e que é possível ainda *agora* encontrar-se soluções⁸.

2.2 Duas categorias de interpelados em dois lugares diferentes

Os interpelados são “os que dizem” (4,13) e “os ricos” (5,1). A atividade da primeira categoria vira ao redor da palavra « τὴν πόλιν », a cidade (4,13). E a atividade

⁸ Cf. Coletivo, *La lettre de Jacques*, Cahiers Evangiles 51, Paris 1987, trad. port. *A Carta de Tiago. Leitura sócio-lingüística*, Cadernos Bíblicos 51, São Paulo 1991, 71.

da segunda categoria está em «τὰς χώρας», os campos (5,4). Estes sinais são muito importantes para o leitor afim que fique situado na direção universal do autor implícito: a mensagem deste texto vai além dos países e das cidades, dos ricos, dos planejadores e dos pobres, para atingir a verdadeira atitude cristã e sincera diante de Deus e dos homens.

Nos versículos 5,1-6, o leitor nota a mais o uso de 17 vezes do pronome pessoal “vós”: 10 vezes explicitamente e 7 vezes em verbos conjugados à segunda pessoa do plural. Na primeira unidade (4,13-17), este pronome volta 6 vezes. Certamente, neste uso de «ὕμῶν» e de «ὕμῖν» trata-se aparentemente daqueles que dizem (4,13) e dos ricos (5,1). Porém esta repetição exagerada deste pronome pessoal se refere, a um nível pragmático, à toda a comunidade eclesial⁹, e então todo leitor em todos os tempos e em todos os lugares sente-se interpelado por este “vós”!

2.3 A comunicação mediante os tempos dos verbos

Na primeira unidade literária (4,13-17), o leitor nota o uso dominante do futuro com o presente, por outro lado na segunda unidade (5,1-6), dominam os tempos passados do aoristo e do perfeito. Isto indica vários significados:

Na primeira unidade (4,13-17) tem uma alteração dos tempos como segue: futuro (v. 13), presente (v. 14), futuro (v. 15), presente (vv. 16-17); isto indica ao leitor a estrutura desta unidade. Embora o futuro indique uma certa certeza da ação futura, o presente vem recordar ao leitor, com a negação «οὐκ» (v. 14), que ele é o único tempo absolutamente seguro. Este contraste entre o futuro incerto e o presente certo é acentuado pelo uso da preposição «ἀντί» (v. 15), corrigindo o futuro que normalmente é certo por um uso original de uma proposição condicional eventual¹⁰ «Ἐάν ὁ κύριος θελήσῃ», *se Deus quiser* (v. 15). E pelo uso do presente de «εἰμί» por três vezes, reforçado pelo advérbio «νῦν», o leitor vê não somente uma ação certa mas um presente sapiencial que exprime afirmações gerais de valor permanente¹¹.

A estrutura da segunda unidade (5,1-6) também é feita de 4 divisões: (v. 1; vv.2-3; v.4; vv.5-6). No v. 1 o leitor é interpelado por um aoristo imperativo¹². Isto comunica a idéia de uma ordem para um caso específico ou de uma norma de conduta que os “ricos”, e incluindo o leitor, têm que seguir em uma certa situação.

Depois, o texto fala de várias ações no perfeito do indicativo¹³ (vv. 2-3) coordenadas por «καί». Este “perfeito” indica para o leitor o resultado atual e durável da ação dos “ricos”, ou ainda, a permanência dos efeitos da sua ação no presente.

E antes de passar a uma sucessão de ações ao aoristo (vv. 5-6), o texto menciona a partícula demonstrativa «ἰδοὺ» com um verbo no presente (v. 4). Esta partícula é um

⁹ Os exegetas são de acordo a dizer que nas comunidades judeu-cristãs, às quais é enviada esta carta de Tg, havia muitos ricos que eram fonte de tentações e de instabilidade social e religiosa. Cf. F. VOUGA, *L'épître de Saint Jacques*, trad. port.: *A carta de Tiago*, Bíblica Loyola 7a, São Paulo 1996, 25-29.

¹⁰ Para este emprego da proposição condicional eventual, cf. J.W. WENHAM, *Initiation au grec du Nouveau Testament. Grammaire, exercices, vocabulaire*, Les Classiques Bibliques, Paris 1994, 169-170.

¹¹ Para este emprego do presente, cf. M. CARREZ, *Grammaire grecque du Nouveau Testament*, Le Monde de la Bible 35, Genève 1985, 1996², 141.

¹² Para a formação e a significação do imperativo aoristo cf. J. SWETNAM, *Il greco del Nuovo Testamento. Parte prima : Morfologia. I: Lezioni*, Bologna 1995, 111.

¹³ Cf. M. CARREZ, *Grammaire grecque du Nouveau Testament*, 143.

meio estilístico que chama a atenção sobre o que é dito depois; ela tem o papel de relançar o discurso dando-lhe uma força re-animadora¹⁴.

E na última divisão (v. 5-6), está presente uma série de 5 verbos conjugados no aoristo do indicativo: isto indica ao leitor ações pontuais comparáveis a uma série de acusações feitas contra um criminoso diante a um juiz!

3. O potencial semântico-pragmático

Retomando a mesma estrutura identificada no segundo ponto, o que importa a este nível não somente “o que quer dizer *isto*?” (a semântica) mas especialmente “o que o autor quer dizer *com isto*?” (a pragmática)¹⁵. Assim, o potencial da estratégia semântica-pragmática de Tg 4,13 – 5,6 apresenta-se como segue:

¹³**Vinde, agora**, os que dizeis: “Hoje ou amanhã, iremos para A CIDADE tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros”.

¹⁴Vós não sabeis a (coisa) do amanhã, que é a vossa vida? Sois, pois, vapor que aparece por instante e logo se dissipa.

¹⁵Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.

¹⁶**Agora**, entretanto, vos orgulhais das vossas arrogantes pretensões. Todo orgulho semelhante a esse é maligno. ¹⁷Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, isto é pecado para ele.

¹**Vinde, agora**, os ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desgraças, que vos estão sobrevivendo.

²A vossa riqueza está corrupta, e as vossas roupagens se tornaram comidas de traça;

³o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem será por testemunho contra vós e devorará, como fogo, as vossas carnes. Entesourastes nos últimos dias.

⁴**Eis** que o salário dos trabalhadores, que ceifaram os vossos CAMPOS e que por vós foi retido com fraude, está clamando; e os gritos dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos.

⁵Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado os vossos corações, em dia de matança; ⁶tendes condenado e matado o justo, sem que ele vos faça resistência.

¹⁴ Cf. W. BAUER – K. ALAND – B. ALAND, *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*, Berlin 1988⁶, 754.

¹⁵ É assim que a *Palavra* de Deus puxa o leitor à *ação*, à *mundança*, por causa da sua vitalidade e desta energia (potencial) que habita nela; cf. J.L. LORDA IÑARRA, «La Palabra Viva del Dios Vivo », in J.M. CASCIARO, ed., *Biblia y Hermeneutica. VII simposio internacional de teologia de la universidad de Navarra*, PFTN.CT 46, Pamplona 1986, 257-263.

3.1 *Quatro palavras para os planejadores (4,13-17)*

Na primeira divisão (4,13) da primeira unidade (4,13-17), o autor descreve os **planos urbanos de comércio** e de ganho feitos por algumas pessoas da comunidade. Realmente, no início da era cristã, o imperador Cláudio (44-54 D.C.) exigiu o aumento da produção, para isto o comércio era um dos meios importantes deste projeto. Fazia-se principalmente através do mar mediterrâneo (At 27) o que favoreceu o desenvolvimento dos portos e a fundação de novas cidades¹⁶. Esta descrição do planejamento do ganho pelo comércio vale para todos em todas as épocas, e assim todo leitor sente-se interpelado.

Na segunda divisão (4,14), o autor lembra aos planejadores que eles não sabem nada do dia seguinte da sua vida, e ele os compara a um vapor, símbolo da fragilidade de vida, que aparece para um instante e depois desaparece. O tema da **ignorância do dia seguinte** não se encontra somente na tradição judeu-cristã mas também na sabedoria clássica grega ou na moralidade estoica; Sêneca disse que é louco aquele que se considera o patrão do seu tempo, porque ninguém pode prever com clareza o futuro¹⁷. O leitor poderia se lembrar também das palavras de Jesus no evangelho de Mt: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo” (Mt 6,34).

Na terceira divisão (4,15), o leitor percebe a importância da **vontade de Deus** no planejamento da vida. O problema do homem é de colocar-se no lugar de Deus pensando poder tudo controlar sem Ele¹⁸. Realmente, até mesmo a maior fortuna não traz uma segurança ao seu proprietário. Assim, o leitor entende que seria necessário a tudo confiar a Deus antes de qualquer projeto.

E na quarta divisão (4,16-17), o texto alarma o leitor do discurso belicoso e atraente dos planejadores. De um lado, eles vivem na ilusão das suas idéias, e por outro lado eles manipulam os outros oferecendo-lhes **mentiras enganosas**. O chamado final do texto consiste não somente no fato de afastar-se dos mentirosos, mas também no evitar toda tendência de auto-suficiência. O pecado não está somente no fato de cometer um ato negativo mas também no fato de não agir positivamente sabendo que isto é um bem que ajuda os outros. **Fazer o bem** e não somente planejar e falar se torna para os leitores desta carta o chamado pragmático à não perder.

3.2 *Quatro palavras para os ricos (5,1-6)*

Na primeira divisão (5,1), o texto **convida os ricos a chorar** por causa das desgraças que os acompanham. É o estilo profético dos lamentos fúnebres (Is 23; Jr 4,5-9; Jl 1,2-12; Am 5,1-3). Estes ricos não são somente as pessoas conhecidas pelo autor e fazendo parte das doze tribos de Israel (Tg 1,1), mas também o texto mira todo leitor que possui roupas (Tg 5,2), ouro e prata (Tg 5,3). Igualmente em Mt 23,1.13-36 onde o evangelista menciona que Jesus, endereçando-se aos seus discípulos e a multidão, diz: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas”; então, trata-se não somente dos escribas e dos fariseus, mas também da comunidade cristã, e dos leitores de todo tempo e de todo lugar.

¹⁶ No que diz respeito a estas realidades históricas do comércio, cf. Collectif, *A Carta de Tiago. Leitura socio-lingüística*, 66-67.

¹⁷ Cf. Sêneca, *Lettre à Lucilo*, 101, 4-6, citado em F. VOUGA, *A carta de Tiago*, 134-135.

¹⁸ Cf. I. STORNILO, *Como ler a carta de Tiago. A fé e a prática do evangelho*, Como ler a Bíblia, São Paulo 1996, 29.

Na segunda divisão (5,2-3), o autor começa a descrição das propriedades dos ricos e as conseqüências trágicas que resultam disto. O problema é que os elementos da riqueza, roupas, ouro e prata, em vez de serem símbolos positivos para os proprietários deles, se tornaram apodrecidos e enferrujados, e testemunham contra eles. Assim, ***ter confiança nestas riquezas é enganoso*** porque elas não são duráveis e perdem o valor com o tempo. E além disso, no dia do julgamento¹⁹, elas serão símbolos de condenação no fogo em vez de serem fonte de alegria eterna.

Na terceira divisão (5,4), o leitor nota um tom mais elevado do que a descrição precedente dos ricos; a crítica alcança agora as ações deles: eles ***retiveram o salário dos ceifeiros*** dos campos e estes gritaram a Deus. O salário estava considerado o pagamento que permite viver o dia a dia. Privar as pessoas do direito de seu salário é como se os privasse do direito de viver. Aliás, a tradição bíblica proíbe tal abuso (Dt 24,14-15; Jr 22,13; Lc 10,7). Por isto, o leitor é assegurado da intervenção de Deus solicitada pelos trabalhadores: Ele virá vingar e salvá-los da injustiça social.

Na última divisão (5,5-6), o autor resume a atividade dos ricos por uma vida de conforto e luxo e os acusa de matar o justo. A descrição mostra ***uma progressão na atitude deles culminando no homicídio!*** Assim, o leitor está informado que o “justo” assassinado é o pobre, e os criminosos são os ricos. Aliás, a identificação dos justos com os pobres é um tema bíblico conhecido (Am 2,6; 5,12; 8,4-8). Este contexto de conflito social, de revolta e de injustiça, vivido nas comunidades de Tiago poderia assegurar os leitores desta carta alimentando a esperança deles por uma vitória final com Deus.

Conclusão teológica

O texto de Tg 4,13 – 5,6 oferece dois meios fundamentais que são à origem da riqueza e da pobreza: a exploração do trabalho dos camponeses nos campos e o desenvolvimento do comércio na cidade. Assim, forma-se um círculo vicioso: no início o pobre é explorado no que ele produz, e depois ele é explorado no que ele consome. Desta maneira, os ricos sempre se tornam mais fortes e os pobres se multiplicam vivendo na marginalização e na exclusão.

Por isto, ***a função pragmática deste texto reside no chamado a parar de fazer o rico mais rico e o pobre mais pobre!***

Esta espiral sem fim aparece-se no texto sem solução. O único abrigo é Deus Sabaoth que estará contra os ricos, que têm de preparar-se a chorar e a gritar por causa das desgraças que vão cair sobre eles nos últimos dias. O leitor não percebe um ideal positivo nos ricos a menos que paguem o salário devido aos trabalhadores e que compartilhem os bens deles com os pobres. O ideal procurado pelo autor não é uma pobreza privada dos direitos mas uma justiça social favorecida na partilha e na comunhão dos bens²⁰. É o grito dos milhões e milhões dos pobres através dos séculos,

¹⁹ A expressão «ἐν ἑσχάταις ἡμέραις» que designa na tradição bíblica o tempo da parusia ou a última aparição de Deus (Is 2,2 ; Dn 2,28 ; Os 3,5 ; At 2,17 ; 2Tm 3,1 ; 1Jo 2,18) atesta a tensão escatológica que a comunidade de Tg tem consciência de viver.

²⁰ Sobre o tema da «comunhão dos bens» cf. D. DORMEYER, «Lectura de Hch 1 – 3 a partir de su instancia comunicativa» in M. GRILLI – D. DORMEYER, *Palabra de Dios en lenguaje humano*, Evangelio y Cultura, Monografías 2, Estella (Navarra) 2004, 191-200.

especialmente hoje na América Latina. A bem-aventurada Madre Teresa de Calcutá fica para nosso tempo um dos exemplos atuais na proteção dos pobres e o respeito dos ricos.

Breve síntese do artigo
(serve talvez de cabeçalho)

A riqueza e apobreza são duas condições concretas da vida. Inserir a dimensão vertical de Deus nesta realidade tem sido o objetivo da reflexão de muitos autores especialmente os da Sagrada Escritura. A carta de Tiago responde com clareza a esta temática. O artigo tem o objetivo de estudar metodologicamente um texto bíblico segundo a prospectiva pragmalíngüística, oferecendo ao leitor uma nova percepção da realidade e interpelando-o no seu agir moral.